

JOÃO DE DEUS E A IMPRENSA

BAIXO - ALENTEJANA

"O BEJENSE"

JOAQUIM FILIPE MÓSCA*

"O Bejense", decano da imprensa baixo-alentejana, veio a público a 3 de Abril de 1860, tendo como seu responsável, hoje diríamos director, António Inácio de Sousa Porto.

Era António Inácio de Sousa Porto natural do Porto, de onde veio em 1832 para Évora, trabalhar como caixeiro. Revelando dotes para os trabalhos de litografia veio a comprar uma oficina litográfica nesta mesma cidade após o que, por algum tempo, se ausentou para Lisboa onde trabalhou na litografia da Imprensa Nacional por forma a adquirir os necessários conhecimentos ao desempenho deste ofício. Regressado a Évora aí desenvolveu a sua actividade até que, a convite do então governador civil de Beja dr. António Henriques Dória, se vem estabelecer nesta cidade em casa oferecida pelo mesmo governador civil, em Junho de 1844. A casa onde funcionou a oficina litográfica é ainda hoje existente, à Rua Ancha, a mesma onde nasceu o padre José Agostinho de Macedo e onde existe uma placa evocativa deste facto.

Em 1846, o conselheiro José Silvestre Ribeiro, à altura governador civil de Beja, terá proposto a Sousa Porto a compra de uma tipografia com o fim de fundar um jornal, projecto em que ele o coadjuvária.

Mas 1846 era ano infausto para tais cometimentos. A "Revolta da Maria da Fonte" e a "Guerra da Patuleia" ditavam o fim da ditadura cabralista e a violência e o fantasma da guerra civil assombravam de novo o país.

E só 12 anos mais tarde, em tempos mais propícios, o projecto de fundação de um jornal seria retomado. E foi singular a forma como António Inácio de Sousa Porto logrou concretizar o seu objectivo. Munido de uma carta de apresentação que lhe fora passada pelo governador civil João Rodrigues da Cunha Aragão Mascarenhas, na qual se solicitava aos administradores de concelho (presidentes de Câmara) que prestassem todo o auxílio possível ao portador da mesma, percorreu Sousa Porto todo o distrito com o fim de obter o capital necessário ao empreendimento, através de uma subscrição pública feita junto dos mais abonados. Conseguiu assim um pecúlio razoável, ainda que insuficiente, para a compra de uma tipografia. A este capital terá juntado, por dívida por si contraída junto da Imprensa Nacional, a quantia de 400 000 réis, com o que pode comprar "um prelo de ferro e typo novo", como ele o escreve, e assim iniciar a publicação de um jornal.

E João de Deus? Perguntará o leitor mais impaciente e que até aqui logrou chegar. Já lá iremos.

Não isentos de dificuldades foram os primeiros tempos de publicação de "O Bejense". Procurando, de início, situar-se acima das querelas partidárias nele se escrevia no seu primeiro editorial: "Possuidor da dignidade elevada, que deve caracterizar o Augusto sacerdócio da Imprensa, recusará sempre admitir nas suas colunas quais-

* Docente da Escola C+S de Santiago Maior de Beja

quer escritos cujas ideias ou redacção tendam a deslustrar o carácter de indivíduos ou corporações. Como corolário deste princípio segue-se a completa interdição às questões da Política que, não sendo, infelizmente, no nosso País, senão questões pessoais, tendem, do mesmo modo, a desviar o jornal do fim a que se propõe". E o fim a que se propunha era, de forma comezinha, servir os interesses da região. E tudo nos leva a crer que este posicionamento politicamente inócuo do jornal visaria a obtenção do maior número possível de assinantes. Técnica de "marketing", dir-se-ia, se à altura o anglicismo existisse.

Fosse como fosse o jornal vê-se obrigado a suspender a sua publicação ao número 40, datado de 9 de Janeiro de 1861. O motivo invocado para essa suspensão é de ordem pecuniária, por falta de pagamento de assinaturas.

Reaparece em 2 de Outubro do mesmo ano com novo formato e disposto não só a advogar os interesses do distrito de Beja como também de Évora. Mas novas dificuldades surgiam. O corpo redactorial do jornal era composto pelo capitão João José Rodrigues de Moraes, residente em Elvas, o médico-cirurgião do exército A. Aragão e D. Maria José da Silva Canuto, residentes em Lisboa. Com uma redacção assim tão dispersa e com as dificuldades de comunicação então existentes, convenhamos que era tarefa deveras árdua compor um jornal em Beja.

É então que Sousa Porto convida para redactor do jornal o poeta João de Deus, que se encontrava de visita à cidade. O convite é aceite mas apenas a troco de dinheiro para despesas e tabaco. E em 30 de Outubro de 1861 sai o primeiro número de "O Bejense" inteiramente redigido pelo poeta.

Em Março de 1862 Sousa Porto decide imprimir ao jornal um carácter mais interveniente e João de Deus reserva para si a secção literária, ficando a secção política a cargo do conselheiro Jacinto António Perdigão. E como redactor do jornal irá o poeta permanecer em Beja até 1864.

Mas porquê a presença de João de Deus em Beja, à altura do convite formula-

do por Sousa Porto? Encontrava-se o poeta em trânsito para S. Bartolomeu de Mesines, sua terra natal, vindo de Coimbra, onde havia terminado o curso de Direito após dez anos de muita estúrdia e boémia e algumas dificuldades familiares. Dizia ele, pitorescamente, que o seu curso levava tantos anos quantos os da guerra de Tróia.

Era o poeta, de seu natural, um carácter bondoso, sempre propenso à generosidade. Diz-se que quando, pela primeira vez, se aproximava da cidade de Beja, vindo de jornada em ronceira diligência, a mesma teria tido uma avaria, coisa decerto usual por caminhos tão escalavrados como seriam os de então, que os de hoje também não vão sem algum reparo. Ansioso por chegar decidiu o poeta não esperar pelo arranjo da tranquitana e meteu-se a caminho. Imagine-se o que seriam nesses tempos os terrenos circundantes de Beja: montados sem fim a fecharem os horizontes, terras propícias à perdição do viajante mais incauto. E João de Deus perdeu-se. Depois de muito andar chegou à fala com um pastor. Indagado este lá lhe foi explicado qual o caminho para a cidade. Porque o alívio terá sido grande e porque, muito possivelmente, o pastor terá socorrido o poeta com a solicitude nobre que é apanágio do homem rústico alentejano, quis João de Deus obsequiá-lo mas não tinha com quê: viveu o poeta quase sempre pobremente, o dinheiro sempre lhe andou arredio. Cortou então parte da sua capa de estudante e deu-a ao pastor para que com ela mandasse fazer um colete. A nobreza própria do rústico ilustrada com o manto da sapiência coimbrã. Notável simbiose.

João de Deus faz então estada em Beja onde habitou uma casa sita à Rua Ancha. Não lográmos identificá-la mas tudo nos leva a crer que seria a mesma onde funcionou a oficina litográfica, que já atrás referimos, e onde posteriormente funcionariam a tipografia e a redacção de "O Bejense".

Mas a colaboração do poeta no jornal não se limitou ao espaço de tempo em que foi redactor do mesmo, ela efectivou-se antes e muito para além de ter cessado

tais funções. E essa colaboração consistiu fundamentalmente na publicação de grande parte da sua produção poética.

A primeira poesia publicada por João de Deus no jornal veio a público no seu número 29, datado de 17 de Outubro de 1860 e, de forma bastante regular, foi esta prática continuada até 1895. Entre cançonetas, odes, canções, elegias, idílios, dísticos, cânticos, fábulas, sátiras, epigramas, poemetas e versões e imitações foram publicadas um total de 139 poesias. Se atendermos a que todo o acervo poético de João de Deus se encontra publicado no "Campo de Flores", comportando este um total de 326 poesias, melhor se poderá avaliar da importância da produção poética do vate algarvio publicada pelo "O Bejense".

Dissemos atrás que toda a produção poética de João de Deus se encontra reunida na obra "Campo de Flores", edição feita sob os cuidados de Teófilo Braga, grande amigo do poeta. Tal não corresponde à verdade. Ao cotejarmos as poesias publicadas pelo "O Bejense" com as publicadas no "Campo de Flores" detectámos 4 que esta obra não comporta. Foram elas publicadas nos números 377, 1013, 1029 e 1400 do jornal e que no final se transcrevem.

Mas não só poesias publicou João de Deus nas páginas de "O Bejense", muita prosa também por lá ficou dispersa.

Destaquemos, pela sua importância, o artigo vindo a público no número 150, datado de 7 de Novembro de 1863, e onde, sob a forma de folhetim, com o título "Os Lusíadas e a Conversação Preambular", João de Deus tece aceradas críticas a António Feliciano de Castilho pelos termos encomiásticos com que este apresentou o poema "D. Jaime", da autoria de Tomás Ribeiro, e mais ainda por haver proposto que este poema substituísse "Os Lusíadas" nas escolas, por mais conveniente à juventude estudantil. Castilho dizia, nomeadamente, que os versos de "Os Lusíadas" estavam tão fora de moda que "nenhum bom poeta dos nossos dias se resignaria a assinar como sua uma única oitava inteira de todos os dez cantos". Tecia ainda conside-

rações críticas à uniformidade métrica de "Os Lusíadas" pois que, em seu entender, tal correspondia a uma tirania absurda da forma sobre o conteúdo; ele há ideias, afectos, que para se exprimirem de uma forma cabal, requererão diferentes métricas. João de Deus sai à liça e n'"Os Lusíadas e a Conversação Preambular" formula, de forma clara, porventura pela primeira vez, em língua portuguesa, a distinção entre metro e ritmo.

É este "D. Jaime" um poema em nove cantos e variada métrica, de exaltação nacionalista, cuja trama se situa em pleno domínio filipino e gira em torno das disputas entre uma família portuguesa e outra castelhana. Já pela sua estrutura novelesca, onde não faltam ingredientes de gosto e fácil adesão populares, já porque ia de encontro aos sentimentos patrióticos então exacerbados pela chamada "Questão Ibérica", alcançou o poema enorme voga. Dele existiu uma versão truncada, em estilo "hard-core", que há muitos anos já corria pelos bancos das escolas e que os mais velhos decerto recordarão.

Mas a importância maior da crítica formulada por João de Deus à "Conversação Preambular" de Castilho releva do facto de ela, a três anos de distância, prenciar a mais célebre e talvez a mais fecunda das polémicas que opôs a intelectualidade portuguesa: a "Questão Coimbrã", também chamada do "Bom Senso e Bom Gosto".

Castilho tornara-se o corifeu de uma constelação de escritores mais novos, Tomás Ribeiro, Pinheiro Chagas e outros a quem se criticava, fundamentalmente, o academismo das produções literárias e a falta de criatividade e independência crítica, pois todos viviam acomodados à sombra do aparelho de estado criado pela Regeneração, colhendo as benesses do poder e buscando, de forma louvaminha, os aplausos da burguesia governante.

"Os Lusíadas e a Conversação Preambular" são já um separar de águas que irá descambar na tão celebrada polémica que, tendo em Antero de Quental o seu principal paladino, pôs em conflito aberto o novo espírito científico europeu e os novos ideais sociais versus o academis-

mo retórico e piegas e a hipocrisia política em que se veio a traduzir a apropriação vernácula dos valores alienígenas do liberalismo.

OUTROS JORNAIS

Mas não foi "O Bejense" o único jornal regional em que João de Deus participou com os seus escritos; o "Jornal do Povo", editado pela primeira vez em 5 de Janeiro de 1876, revela também uma copiosa participação do poeta. Infelizmente o Arquivo Municipal de Beja apenas possui em depósito parte dos números editados por este jornal o que não possibilitou, obviamente, uma completa pesquisa sobre os escritos de João de Deus nele publicados.

Os números existentes vão do 1 ao 104, publicado este em 24 de Dezembro de 1877, surgindo depois, avulso, o número 244, datado de 15 de Setembro de 1880.

Nos números compulsados publicaram-se 12 poesias de João de Deus, sendo que 11 delas foram também publicadas no "O Bejense". A sobrança, um epigrama, surge-nos também inserida no "Campo de Flores".

Além das poesias surgem-nos também no jornal recensões críticas ao livro "Flores do Campo", primeira colectânea de poesias de João de Deus editada em 1869, e assinadas por Guiomar D. Torreão, Alexandre da Conceição, Luciano Cordeiro e Cândido de Figueiredo.

Curiosamente o nome de António Inácio de Sousa Porto surge-nos também ligado ao "Jornal do Povo, como seu proprietário e responsável. Sousa Porto assume-se assim como pioneiro da imprensa regional e deixa o seu nome ligado à fundação de vários jornais: os dois já citados e ainda "O Cubense", publicado em Cuba, sendo o seu primeiro número datado de 29 de Outubro de 1888, "O Liberal", publicado também pela primeira vez no ano de 1888 e "O Independente", que veio a público pela primeira vez em 9 de Outubro de

1894. De todos eles, à excepção de "O Bejense", se desconhecem todos os anos de publicação pois os números existentes em depósito no Arquivo Municipal de Beja são escassos e não o permitem determinar.

Compulsados todos estes apenas "O Independente", no seu número 24, datado de 17 de Março de 1895, refere a figura do poeta João de Deus, traçando-lhe um elogio encomiástico e dando notícia sobre a grandiosa homenagem nacional prestada ao poeta, em 8 e 9 de Março deste mesmo ano de 1895, e à qual, segundo o jornal, também a Academia Bejense se associou com a realização de um sarau no qual, entre discursos e recitações de poesias, a banda do Regimento de Infantaria 17 executou uma marcha composta a propósito e significativamente chamada "A João de Deus".

Se a nação é useira e vezeira em homenagear postumamente os seus mais ilustres João de Deus, excepcionalmente, ainda conheceu em vida a gratidão dos seus pares.

No ano seguinte, a 11 de Janeiro, o poeta falece, em Lisboa, aos 66 anos de idade. Disso nos dá conta "O Bejense", no seu número 1883, datado de 18 do mesmo mês, titulando a toda a primeira página o passamento do poeta e prestando-lhe uma sentida homenagem. No número seguinte, em artigo intitulado "João de Deus e O Bejense", traça-se um breve historial da passagem do poeta pelo jornal.

O POETA JOÃO DE DEUS

Para lá da maior ou menor importância literária que hoje se lhe possa assacar foi João de Deus um poeta inegavelmente popular cuja dimensão histórica sobreleva, talvez, o seu valor poético.

Figura quase lendária da boémia coimbrã aí o conhece Antero de Quental que desde logo nutre pelo poeta uma profunda admiração e amizade.

Do relacionamento entre os dois homens nos dá conta "O Bejense": no seu número 138, datado de 15 de Agosto de 1863, publica-se um soneto de João de Deus que pretende ser de resposta a um outro de Antero de Quental; no número 223, datado de 1 de Abril de 1865, publica João de Deus um cântico intitulado "A Luz da Fé" para, no número 225, datado de 15 do mesmo mês, replicar Antero com um outro cântico que intitulou "Luz do Sol"

E aqui transparece o confronto entre fé e razão, religião e ciência, confronto ainda hoje em aberto porque nunca resolvido e que no século passado foi um dos principais "leitmotiv" do debate político.

Sobre João de Deus escreve Antero de Quental em 1860 (cf. "Prosas", Vol.1, págs. 96 e 97). "João de Deus é um desses mancebos, ricos de crença e de esperança, que se erguem por vezes no meio das turbas, entoando um cântico cheio de frescor e de vida, de bela e poderosa originalidade. O que é hoje é já bastante, muito porém, o que pode e deve ser.

É muito porque é natural, porque escreve o que sente e quando sente. Exalta-se pela imaginação e sustentando-se aí, porque o entusiasmo lhe vem da alma, faz-nos amar e crer, chorar e sofrer com ele, porque o sentimento é real, brota do íntimo, e tradu-lo puro nos cantos, como transluz a verdade nas palavras do lábio do infante."

Será de facto a esta naturalidade tão espontânea de dizer aliada a uma simplicidade e expressividade rítmica, que tanto o aproxima das formas poéticas populares, que o poeta deve a sua aura.

Na verdade, João de Deus soube e pode afeiçoar a uma forma culta a rica tradição dos poetas populares do Alentejo e Algarve, tradição essa que se prolongou até aos nossos dias.

"O BEJENSE", nº 377

Recitado por L.M. em agradecimento dum benefício dramático.

I

Às vezes não fala a boca
falam os olhos somente,
É às lágrimas que toca
Mostrar o que a alma sente.

II

Quando um filho que se pensa
Ser o nosso amparo um dia.
Deixa cair a cabeça
No colo da mãe que o cria;

III

E aquele rosto tão lindo
pouco a pouco perde a graça,
Como o sol em se encobrimdo
Com uma nuvem que passa;

IV

E a pouco e pouco os seus braços
Vão perdendo o movimento;
Arrefece; os olhos baços
Imóveis... Nesse momento

V

É tamanha a nossa mágoa
De não haver quem acuda
Que os olhos se arrasam de água
Mas a boca fica muda.

VI

Não solta palavra a boca
Falam os olhos somente
É às lágrimas que toca
Mostrar o que a alma sente.

VII

Porque a palavra, se exprime
A ideia, o pensamento,
Nunca exprime o sentimento
Inefável e sublime.

VIII

Mais um dia abençoado,
Que até eu me desconheço.
Nem em lágrimas me é dado
Mostrar que vos agradeça...

IX

A vós, cultores da arte!
E a vós todos, meus senhores!

Que hei-de sempre em toda a parte
Nomear meus benefeitores.

"O BEJENSE", nº 1013

EPIGRAMA

Tu és a flor e eu pressinto
-Toda a mulher assim é-
Que não passas d'um jacinto
Tendo a cebola no pé.

"O BEJENSE", nº 1029

SEM TÍTULO

Abre a flôr à luz que a enleva
Seu cálice cheio d'amor,
E o sol nasce, passa e leva
Consigo perfume e flôr.

"O BEJENSE", nº 1400

PROVÉRBIO DE SALOMÃO

Tenho mil libras Vicente.
E não sei em que as empregue:
Dá-me um conselho prudente.
- O conselho que lhe dou
Meu amigo, é que as entregue
Ao mesmo a quem as roubou:
Porque lá diz o ditado
Que nos deixou Salomão:
"Antes pobre mas honrado,
Do que rico, mas ladrão."

BIBLIOGRAFIA

DEUS, João de, *Campo de Flores*, Lello e Irmão-Editores, Porto, 1981;
DEUS, João de, *Flores do Campo*, Magalhães e Moniz, 2ª ed., Porto, 1876;
DEUS, João de, *O Livro de Amor de João de Deus*, edição comemorativa do centenário do nascimento do poeta, Lisboa, 1930;
DEUS, Maria da Luz de, *João de Deus*, Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, Lisboa, 1979
QUENTAL, Antero de, *Prosas (Vol. 1)*, Couto Martins, Lisboa, 1923;
RIBEIRO, Tomás, *D. Jaime*, Lello e Irmão-Editores, 3ª. ed., Porto, 1902;
MARINHO, Maria José e FERREIRA, Alberto, "A Questão Coimbrã" (*Bom Senso e Bom Gosto*)", Editorial Comunicação, Lisboa, 1988
SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, 15ª ed., Porto, 1989;
Dicionário de Literatura, Livraria Figueirinhas, 3ª ed., Porto, 1983;
Dicionário de História de Portugal, Iniciais Editoriais, Lisboa, 1971;
História de Portugal, Portucalense Editora, Porto, 1958;
História de Portugal, Publicações Alfa, 1983;
Catálogo da Exposição sobre a Imprensa do Distrito de Beja Existente na Biblioteca Municipal, Associação de Municípios do Distrito de Beja, Beja, 1989.

JORNAIS

- O BEJENSE
- JORNAL DO POVO
- O LIBERAL
- O CUBENSE
- O INDEPENDENTE